

**A PRÁXIS DA LITERATURA DIANTE DA RUPTURA
DA DEMOCRACIA: DIÁLOGOS ENTRE LITERATURA
DO TESTEMUNHO E O CINEMA**

César Alessandro Sagrillo Figueiredo (UFT)
cesarpolitika@gmail.com

Mônica Assunção Mourão (UFT)
monicamourao_15@hotmail.com

RESUMO

Observamos a importância e a emergência da literatura durante os processos de rupturas políticas ocorridas no Brasil, principalmente no período da ditadura militar. Com intuito de buscar uma memória desta conjuntura e, sobretudo, servir de portavoz aos sujeitos do período, destacamos a importância da Literatura do Testemunho. Esta literatura surgiu em meados dos anos 60, se tornando fértil na América Latina a partir do Prêmio Casa de Las Américas, impulsionada pelo governo cubano com vista a premiar a produção da literatura versada sobre esse tema político literário. Assim sendo, mediante este enfoque, o objetivo principal desse artigo é examinar a produção da Literatura do Testemunho no Brasil impulsionada a partir do advento do Golpe de 1964 e o seu florescimento durante o processo de redemocratização do país. Ainda, com vistas a ampliar o escopo do artigo procuraremos o diálogo dessa literatura com outras mídias, especialmente, com o cinema. Do ponto de vista metodológico tratar-se-á de um trabalho bibliográfico, pois visa à reconstituição dessa produção a partir da leitura dessas obras, procurando examinar os elementos mais significativos e que busquem responder ao objetivo proposto. Como resultado de pesquisa, compreendemos que a produção da Literatura do Testemunho no Brasil é reflexo do modelo latino americano que versa sobre memórias de vítimas de período ditatoriais, biografias e narrativas de grupos subalternos, proporcionando que a literatura sirva como um instrumento de ajuste de conta com a história.

Palavras-chave:

Cinema. Dialogismo. Ensino. Literatura de testemunho.

ABSTRACT

We observe the importance and the emergence of literature during the processes of political ruptures that occurred in Brazil, especially during the military dictatorship. In order to seek a memory of this conjuncture and, above all, to serve as a spokesperson for the subjects of the period, we highlight the importance of the Literature of the Witness. This literature emerged in the mid-1960s, becoming fertile in Latin America from the Casa de Las Americas Prize, sponsored by the Cuban government to reward the production of literature on this literary political theme. Thus, through this approach, the main objective of this article is to examine the production of the Witness Literature in Brazil, driven by the advent of the 1964 coup and its flowering during the process of redemocratization of the country. Still, in order to broaden the scope of the article we will seek the dialogue of this literature with other media, especially the cinema and the adaptations of this literature. From the methodological point of view

it will be a bibliographic work, since it aims at the reconstitution of this production from the reading of these works, seeking to examine the most significant elements that seek to respond to the proposed objective. As a result of research, we understand that the production of Witness Literature in Brazil is a reflection of the Latin American model that deals with memories of dictatorial period victims, biographies and narratives of subordinate groups, providing that literature serves as an instrument of account adjustment. with the story.

Keywords:

Dialogism. Teaching. Movie theater. Testimonial literature.

1. Introdução

Ao trabalharmos com redemocratização ficam claras as consequências deletérias de um processo de transição democrática pelo “alto” e elitista (MAINWARNG, 2001), principalmente para o sistema partidário e os próprios partidos políticos e, sobretudo, para a cultura política e os recursos culturais tributários dessa matriz. Dito de outra maneira, os reflexos da ditadura brasileira se fizeram sentir em longo prazo na política e na cultura do país, especialmente quando esta condução para a democracia ocorreu de maneira que se manteve algumas prerrogativas que privilegiaram os atores principais da própria ditadura militar, por exemplo, a forma como se deu a Anistia Política Brasileira – nem ampla, nem geral, e nem irrestrita – uma vez que nem todos os presos políticos conseguiram sair da cadeia com a sua edição em 1979, bem como nem todos exilados puderam voltar de imediato ao país. No entanto, os crimes conexos da corporação militar não foram julgados, ou seja, os crimes de tortura considerados como de lesa-humanidade por tribunais internacionais ficaram impunes em nosso país.

Podemos dizer que, principalmente, a partir da fragilidade da Anistia política em 1979, começou a proliferar através da escrita e dos livros um singelo acerto de contas com um passado insepulto. Pois, esta literatura visava cumprir o papel simbólico de efetivar uma denúncia escrita através da literatura dos crimes ocorridos e das dores das vítimas; visto que, de fato, a “revanche” com a prisão dos torturadores e com o julgamento dos atos arbitrários dos crimes cometidos pelo regime militar estavam longe de ocorrer. Ou seja, o ano era 1979, mas a ditadura civil-militar ainda se manteve firme até o ano de 1985, expirando apenas com a passagem de um presidente militar para um civil eleito, através de um colégio eleitoral. Primeiramente, Tancredo Neves; sendo que este fora sucedido por José Sarney, em abril de 1985, após o seu falecimento.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

No tocante a esta literatura, vimos alguns livros que começaram a aparecer com pequeno fôlego, mas desafiando ainda o regime vigente, por exemplo, o *Em Câmera Lenta*, de Renato Tapajós, lançado em 1977 e ainda antes da anistia, que falava sobre prisão, tortura e assassinatos na guerrilha urbana cometidos pela corporação militar. Quanto à guerrilha rural, vem a luz no mesmo período, *Guerra de Guerrilha no Brasil*, lançado em 1979, também antes da anistia pela lavra de Fernando Portella. Porém, após a anistia, retorna ao Brasil Fernando Gabeira, célebre exilado político, que lançou o livro, *O que é isso companheiro?* (1980) o gênero explodiu em vendagem e a ditadura, no seu crepúsculo, não conseguiu conter a “curiosidade” dos leitores do que ocorreu no período militar. A partir de Gabeira novos livros viraram campeões de vendas nas livrarias, proporcionando um longo percurso que até hoje perdura, uma vez que ainda há novos lançamentos, pois há inúmeros temas candentes, bem como perguntas sem resposta nesta seara literária – as mais recorrentes nas obras são as seguintes: Onde foram enterrados os desaparecidos políticos? Quem os matou? Torturadores devem ser julgados?

Perguntas sem respostas e que proporcionaram quatro décadas de inúmeras publicações, assim como material produzido pela própria academia como teses e dissertações. Além deste circuito literário que denominamos de Literatura do Testemunho, emergiu uma cultura fílmica a partir dos livros, endossando-os e até mesmo criticando-os, vide o filme *O que é isso Companheiro?* de Bruno Barreto (1997). A partir do exposto, portanto, este artigo tem como objetivo principal examinar a produção bibliográfica da Literatura do Testemunho, bem como as vozes da resistência à ditadura civil-militar no Brasil transpostas na produção audiovisual.

Para efeitos metodológicos, a fim de responder ao objetivo proposto tratar-se-á de um trabalho qualitativo, porquanto visa um diálogo da reconstituição da produção bibliográfica, principalmente, da Literatura do Testemunho e, posteriormente, tributário destas obras, a produção do cinema, visando sempre o diálogo com a política do período. Assim sendo, para a consecução deste artigo, trabalharemos com a revisão bibliográfica referente aos elementos mais significativos buscando analisar os livros, os filmes e a conjuntura política retratadas no período.

Portanto, este artigo irá trilhar este percurso histórico de 1979 até os anos 2000, período em que houve a profusão dessa Literatura do Testemunho. Assim, em virtude de ser um período extremamente longo, dividiremos o artigo nos seguintes enfoques: 1) final dos 70 e início dos anos

80, período da transição democrática imediato e a eclosão do gênero literário ainda dentro do terror de Estado; e, 2) posteriormente, no período de final dos anos 80 e o início dos anos 2000, momento de processo de consolidação do gênero, bem como da institucionalização da Comissão Nacional da Verdade (CNV) com os relatos das vítimas e a transposição fílmica do gênero literário.

2. A transição para a democracia no Brasil e a Literatura do Testemunho

A fim de analisarmos esta literatura, primeiramente, devemos enquadrar o processo de transição para a democracia brasileira, enfatizando que foi marcada por um longo caminho. Obviamente, esta transição não se encerrou com o advento da passagem da presidência das mãos de um militar para um civil em 1985, pois de acordo com André Marengo dos Santos em seu artigo, *Devagar se vai longe?* (2007), o autor sustenta que “um ciclo de quarenta anos separa o colapso das instituições poliárquicas e a implantação de um regime autoritário, da conclusão do processo de consolidação da nova democracia no Brasil” (*Idem*, p. 73). Melhor explicando, somente com a conclusão do mandato do primeiro Presidente civil de esquerda no Brasil e oponente do regime militar, Lula em 2006, é que podemos afirmar, de fato, que houve as estabilidades institucionais e elas foram plenamente respeitadas e consolidando, portanto, o processo de transição democrática fora completado. Partindo desse pressuposto, compreendemos o processo de redemocratização brasileira como uma transição extremante longa e habilmente negociada, que fora chamada por Share e Mainwaring (1986) de *Transição pela Transação*, visto que identificamos os reflexos marcantes deste modelo de transição no quadro político e seus impactos em outros campos da sociedade no Brasil.

Quanto ao tema proposto, há certo consenso na historiografia e na ciência política acerca dos atos deletérios da ditadura militar e que persistem na nossa frágil democracia brasileira; no entanto, podemos dizer que há alguns temas que podem ser melhor explorados, conforme já realçado, bem como outros campos de interpretação que vicejam um melhor destaque, especialmente, na seara da literatura. Neste campo, podemos enfatizar que há ainda uma pouca fluência interdisciplinar, ou melhor dizendo, uma frágil intertextualidade entre o campo da política e da literatura no tocante a ditadura militar, como se fossem duas esferas que ainda carecem de um melhor diálogo. Muito embora saibamos que o campo da lite-

ratura e a sua intertextualidade com a política do Brasil possuem uma longa tradição, bastando citar, por exemplo, Euclides da Cunha em *Os sertões* (2009), ou mesmo o seminal *Memórias do cárcere* (2012), de Graciliano Ramos.

No tocante a ditadura militar, percebemos que esta seara ficou mais sob a tutela da história como porta-voz desse campo acadêmico; contudo, não querendo fazer discussões de qual o campo mais relevante ou mesmo qual o campo que tem a melhor produção acadêmica, cumprimos neste artigo interpretação dessa a produção literária identificada com Literatura do Testemunho, inaugurada no final dos anos 70; assim como quais os seus principais porta-vozes e a reflexão filmica a respeito dessas obras do testemunho.

Quanto a este tema percebemos que no campo da literatura e da política há certa carência sobre esta abordagem intertextual. Acreditamos, portanto, que ainda há certas lacunas que precisam de um melhor destaque, haja vista que diversos livros lançados no período servem de instrumento de pesquisa interdisciplinar. Também, realçamos que muitos dos personagens dos livros foram fonte de testemunho oral pelo papel que desempenharam no processo de luta contra a ditadura militar no Brasil, servindo como fonte primária, recentemente, nas oitivas as Comissão Nacional da Verdade (CNV). Além desses fatos, a Literatura do Testemunho desnuda diversos acontecimentos do período e serve como suporte para outras searas, buscando diálogo com a história, a política e a antropologia. Em síntese, através da Literatura do Testemunho podemos depreender a forma como eram feitas as denúncias escritas na época contra a ditadura militar, funcionando, portanto, como estratégia para as vítimas e os opositores tentarem derrubar a ditadura através da força da escrita.

Nesses 40 anos de Literatura do Testemunho, tanto a academia já se debruçara sobre os relatos realizados quanto os próprios personagens já puderam empreender um processo de reflexão do que escreveram, sobretudo, pelo fato que escreveram os seus testemunhos no “calor das horas” do retorno do exílio e da saída da cadeia, melhor dito, com toda a emoção do momento e funcionando, portanto, a escrita como uma catarse individual. Tais condicionantes, a partir da saída gradual da cadeia dos presos políticos e da volta dos exilados políticos, foram criando uma vontade de reverberar para a sociedade civil o que, de fato, aconteceu no Brasil no denominado Anos de Chumbo (1968-1975), tornando-se, conseqüentemente, esses personagens os porta-vozes desse processo

de abertura política.

Em síntese, refletindo acerca do que ocorrera e partindo da premissa que se os militares criaram a sua versão do Golpe civil-militar denominando-o como “Revolução de 1964”, não obstante, a oposição, que fora para a luta armada, começou a criar a sua própria versão através da denominada Literatura do Testemunho, ou seja, procuravam demonstrar através da escrita todas as atrocidades que a ditadura cometera, não somente no campo político mas, principalmente, na seara dos direitos humanos, espaço em que esta parcela de oponentes ficou mais fragilizada, justamente em face das prisões indevidas, das torturas, dos assassinatos, da ocultação de cadáveres, dos exílios forçados e, principalmente, dos medos advindos do terror do Estado.

Para compreendermos a gênese do nascimento dessa literatura, primeiramente, devemos compreendê-la como integrante de um modelo, bem como dentro de um momento histórico e político. Assim sendo, torna-se pertinente retomarmos e explicar que o caso do retorno à democracia no Brasil caracteriza-se, em linhas gerais, como sendo integrante do processo da Terceira Onda de Democratização (HUNTINGTON, 1994). Tal premissa condiz com a caracterização de uma série de nações que conquistaram ou reconquistaram a volta da democracia neste último quarto de século. O autor caracteriza três grandes ondas de democratização, assim como os seus revezes, ou seja, as ondas reversas. Tais ondas respondem aos processos históricos próprios em que foi efetivada a transição para a democracia, respeitando as características particulares do tempo e do espaço de cada país.

Assim temos: 1) a Primeira Onda de Democratização, que refere-se aos países que se democratizaram em meados do século XIX, como reflexo da Revolução Francesa e Americana, alastrando esta onda de democratização para diversas nações ao redor do mundo ao longo do século XIX; 2) a Segunda Onda de Democratização, que é considerada curta, refere-se ao período entre o final da Segunda Guerra Mundial e o início da Segunda Onda Reversa, já no início dos anos 60, com o advento de diversos regimes autoritários, como a ditadura brasileira; e, 3) a Terceira Onda de Democratização, que tem como marco o fim da ditadura portuguesa, em 1974, alastrando-se, já durante os anos 70, para os países da América Latina, atingindo diversos países, entre esses o Brasil (Idem, p. 30-1).

Tais periodicidades enfocadas pelo autor darão mais clareza para

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

a compressão do gênero literário focalizado. Assim, para efeitos teóricos comparativos, devemos situar que a noção de testemunho foi pensada primeiramente na teoria da literatura europeia a partir do *boom* de testemunhos desencadeados por ondas de memória, muitas vezes deslançadas por grandes processos, como o de Nuremberg e o de Eichmann em Jerusalém (ARENDR, 1999). Nesta perspectiva, encontramos a acepção da Literatura de Testemunho em estudos dedicados às vítimas da Segunda Guerra Mundial, enquadrando-as historicamente a partir da Segunda Onda de Democratização (HUNTINGTON, 1994). Deste modo, este gênero fora bem demarcado no Séc. XX, a partir das pulsões históricas do pós-guerra, adquirindo o conceito judaico de *Shoah*, que podemos traduzir como holocausto. Seria, portanto, a literatura produzida das agruras relatadas pelos judeus em face do nazismo alemão, sendo importante também retomar a acepção de *Shoah* como conceito de tragédia e de catástrofe.

Na América Latina foi construído outro tipo de conceito que dialoga com o *Shoah* judaico através da expressão de Testimonio, como tradução testemunho, seria esta uma produção mais engajada e fruto das vozes subalternas que lutavam contra os governos opressores e ditatoriais da América Latina, principalmente, em face das obras elaboradas visando refletir sobre os reflexos dos Golpes de Estado dos anos 60 e 70. Tal produção teve o seu *boom* a partir dos anos 60 impulsionado na América Latina a partir do Prêmio Casa de Las Américas, pelo governo cubano com vista a premiar a produção da literatura versada sobre esse tema político literário. Portanto, encontramos essa Literatura de Testemunho em estudos dedicados, num primeiro momento, a um ajuste de contas do Pós-Guerra incluso na Segunda Onda de Democratização (HUNTINGTON, 1994). Já, num segundo momento, o conceito de testemunho tornou-se uma peça central devido à sua capacidade de responder às novas questões e dar espaço para a escuta da voz daqueles que antes não tinham direito a ela, principalmente as vítimas das ditaduras militares da América Latina, a partir dos seus processos de abertura política na Terceira Onda de Democratizações (SELIGMAN-SILVA, 2003; HUNTINGTON, 1994).

Ainda, devemos realçar que o aporte teórico acerca do testemunho reproduz sobre esse espectro político e histórico uma série de questões que sempre polarizaram a reflexão sobre a literatura, logo, colocando em questão as fronteiras entre o literário e a história. Neste campo, também deita suas raízes sobremaneira e dialoga com a Literatura do Testemunho o campo da memória, inclusive com as suas lembranças, seus ditos, suas

falas, suas narrativas e seus silêncios. De acordo com Pollak (1989, p.6), asseverando acerca dessas fronteiras realça que “existem nas lembranças de uns e de outras zonas de sombra, silêncios, “não-ditos”. Ou seja, essas fronteiras desses silêncios e “não-ditos”, assim como os seus esquecimentos definitivos ou reprimido inconsciente não são evidentemente estanques, haja vista que estão num processo perpétuo de deslocamento e ajustes. Em síntese, nesse sentido a Literatura do Testemunho funciona magistralmente como porta-voz de alguns desses personagens que resolveram transpor a barreira desses não ditos e silêncios forçados da história, haja vista que através da lavra da escrita conseguem expor as suas dores para um público leitor, compartilhando suas aflições numa espécie de psicanálise coletiva com leitores.

3. *A Literatura do Testemunho e sua função de porta-voz*

Conforme já enfatizado, para compreender os momentos da ditadura militar e a forma como se deu transição democrática brasileira, devemos entender que o processo de transição para a democracia no Brasil foi extremamente longo e respeitando os fluxos liberalizantes facultados pela corporação militar. A oposição, com o intuito de distender o regime, aproveitava todas as brechas legais possíveis, tornando, portanto, os vários instrumentos de denúncias como recurso ativo para tensionar e confrontar o regime militar. Para melhor estudo, cabe periodizar a transição democrática brasileira seguindo o indicativo de Maria D’Alva Kinzo em seu artigo, *A democratização Brasileira : um balanço do processo político desde a transição* (2001), sugerindo pela autora a seguinte divisão: Primeira Fase (1974 a 1982), na qual temos como fato marcante o resultado da eleição de 1974, indo até a eleição de 1982; Segunda Fase (1982 a 1985), na qual é importante destacarmos a eleição de 1982 e a passagem do governo militar para um civil eleito pelo Colégio Eleitoral; finalmente, uma Terceira Fase (1985 a 1990), a partir do início do governo civil até a primeira eleição direta para Presidente, que tomou posse em 1990.

Portanto, no final dos anos 80, vivíamos a Terceira Fase da transição para a democracia no Brasil e neste período havia uma abundância de agentes e de ativistas que buscavam um ajuste de contas com a ditadura militar. A Literatura do Testemunho, num primeiro momento - no final dos anos 70, atingiu um protagonismo central como instrumento de porta-voz e denúncia. E, corroborando com o processo de denúncias ativa-

das, as vozes se multiplicaram no fim dos anos 80 e início dos 90, vindo o cinema a compartilhar o mesmo discurso de difusor dos testemunhos das vítimas e enquadrando-as nas telas as agruras do período militar, portanto, multiplicando os porta-vozes e tornando-se um discurso uníssono.

É relevante destacar que nem todos os personagens que compuseram esse quadro como agentes políticos no período tiveram o interesse de ver suas próprias dores sendo representadas ou escritas, uma vez que ativar memórias de sofrimento causam ainda dor quando rememoradas. A fim de se verem retratados, ou mesmo representadas, emergiu a figura dos protagonistas principais, reportando a todos mediante a tessitura da sua escrita e, por conseguinte, enquadrando o grupo dentro de uma memória coletiva e representando os dramas vividos do grupo no qual todos estiveram inseridos.

Refinando a análise, para compreendermos o conceito de memória coletiva, seguimos o indicativo de Maurice Halbwachs (2006), em que o autor enfatiza que a memória é seletiva, uma vez que se apresenta através de um processo de negociação, a fim de conciliar memórias coletivas e memórias individuais. Nesse jogo, muitas vezes dialético, entre a memória coletiva e a memória individual, ambas se reforçam e se conjugam, dando os alicerces para a construção da história. Assim, temos as seguintes etapas, primeiramente, a memória individual, que se ativa a partir das reminiscências particulares e, posteriormente, a memória coletiva, que nasce fruto dessas memórias individuais somadas, vindo a formar, muitas vezes, uma narrativa unívoca de um grupo. Salientamos que, em certos momentos políticos extremos, forjasse uma história oficial, não raro, fruto do arbítrio político oficial de Estados de exceção. No entanto, pontuamos que após os processos de distensão políticos começam a ocorrer o afloramento de história submersas e emergir, a despeito das amarras de uma história oficial erigida pelos regimes de exceção, novas narrativas históricas, vide os processos de revisão da história a partir da derrota do nazismo e das ditaduras militares na América Latina.

No caso do Brasil, conforme já realçado, a ditadura militar forjou uma história oficial com o intuito de justificar a extinção de um Estado democrático de direito ocorrido com o Golpe de 1964, e criou um nome pomposo: Revolução de 1964. Além destes feitos de heroificação, brindou com medalhas e méritos oficiais de Estado torturadores e outros ditadores e como contrapartida de vingança, elegeu também os inimigos do regime, principalmente os grupos de esquerda e suas lideranças: para esses, durante o período ditatorial, sobrava o degredo, morte ou exílio.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Contudo, decorrido o tempo histórico de maturação e com a transição para a democracia, especialmente com a ascensão nas urnas de outras matrizes de esquerda nos anos 90 e 2000, percebemos que alguns desses outrora opositores do regime se transformaram em heróis, especialmente, para uma parcela de eleitores que procuravam votar nesses atores políticos. Realçamos que a proliferação da produção da Literatura do Testemunho fomentou esse capital de distinção e heroificação desse grupo político, haja vista o número considerável de agentes políticos que lançaram livros. Ou seja, enfatizamos que estes personagens adquiriam trunfos políticos de opositores do regime militar e com este *portfólio*, bem como outros capitais de distinção, conseguiram uma expressiva votação nas urnas com ascensão da esquerda nos anos 90 e 2000, especialmente no ciclo petista dos anos 2000.

No tocante ao último período tratado e, mais especificamente quando os ex-opositores do regime militar ocuparam o cargo de presidência, vide Lula e Dilma, surge uma Literatura do Testemunho mais “oficial”, embasada pela Comissão Nacional da Verdade (CNV), a exemplo do *Shoah* judaico e os seus tribunais de justiça em Jerusalém no pós-guerra (ARENDR, 1999). Esta comissão tinha como objetivo dar voz de uma maneira mais amparada pelo Estado aos oponentes dos militares e vítimas, a fim dos mesmos poderem solicitar indenizações e terem uma retratação por parte do Estado: um singelo pedido de desculpa. O que se torna deveras importante é que os personagens, justamente por serem as mesmas vítimas retratadas nos livros, utilizaram-se como referencial não somente a sua memória individual, mas os próprios livros memorialísticos e a Literatura de Testemunha do período. Tais atestados bibliográficos funcionavam como se fossem um passaporte para endossar a sua contribuição como opositor do regime militar e vítima da ditadura civil-militar. Em síntese, vemos no período recente uma proliferação da Literatura do Testemunho com um aporte mais oficial e que busca justamente o endosso nas tramas bibliográficas dos livros lançados nos anos 70 o seu aporte, a fim de consubstanciar os documentos oficiais atuais produzidos sob a lavra do Estado na CNV.

Ainda, consideramos como advento e reflexo dessa literatura também a produção cinematográfica, quer de transposição fílmica ou quer de documentários que abarquem o período. Nesse cenário, a produção fílmica estritamente vinculada à transposição dos livros é farta, onde destacamos, com mais ênfase, dois filmes que reproduzem, cada um com sua versão, dois livros paradigmáticos do período. O primeiro é o filme, *O*

que é isso companheiro? (1997), que podemos dizer que é a reprodução fílmica do livro mais famoso do período – não por ter inaugurado essa narrativa, mas pelo impacto e vendagem extremada, tanto no período até os dias recentes, com milhares de números em vendagens e inúmeras reedições. Essa obra reuniu em forma de memorial as reminiscências do jornalista Fernando Gabeira, que fora participante da luta armada e tivera participação ativa no sequestro do embaixador americano, em 1969. O livro trata de um relato verossímil dos personagens que ousaram contrapor ditadura militar através das armas, assim como a prisão ocorrida, a tortura e o exílio, sumarizando, o livro desvendava a vida dos militantes e como era a vida clandestina dos oponentes do regime – tão distante da vida cotidiano de milhares de brasileiros que não tiveram envolvimento político ativo no período militar.

Esse livro, assim como os outros congêneres, trabalhou bem o processo de heroificação da esquerda armada, tornando, por conseguinte, Fernando Gabeira o porta-voz de uma memória coletiva, melhor dito, através das suas memórias individuais enfeixava as lembranças do grupo armado e tornava-se porta-voz da memória coletiva desse grupo que pegara em armas. Após grande sucesso nos anos 80 e com a retomada do cinema brasileiro na década de 90, ocorreu o processo de transposição fílmica dessa obra. Através de um consórcio o filme recebeu um forte aporte internacional de distribuição e comercialização, concorrendo ao Oscar de melhor filme estrangeiro. O filme *O que é isso companheiro?* (1997), dirigido por Bruno Barreto acabou sendo uma grande decepção, especialmente para o grupo que pegou em armas e continuava vivo no período, destacamos algumas críticas acerca do filme: 1) o torturador possuía crise de consciência e dizia que estava torturando porque estava numa guerra; 2) os militantes são retratadas ou como ingênuos adolescentes usados por organizações de esquerda ou como velhos militantes experientes e totalmente desprovido de clemência para com a vítima, no caso embaixador americano sequestrado; e 3) mais gravoso ainda, retratou a guerrilheira que levantou as informações necessárias para a efetivação do sequestro como tendo um *affair* com o chefe da segurança, substituindo, portanto, a imagem da mulher militante política.

O segundo filme que podemos retratar como transposição cinematográfica de livro, bem como um contraponto ao filme *O que é isso companheiro?* (1997), é a obra, *Batismo de Sangue* (2007), de Helvécio Rattton. Esta produção fílmica é baseada no livro de mesmo nome, *Batismo de sangue: os dominicanos e a morte de Carlos Marighella* (1987) de au-

toria do célebre Frei Betto, incluso magistralmente dentro da categoria do gênero da Literatura do Testemunho, uma vez que aborda todas as mazes do Frei Betto, juntamente com o seu grupo de frades dominicanos, os quais conjuntamente sofreram como presos políticos, abordando, sobremaneira e sem subterfúgios, a prisão, a tortura, o assassinato e o exílio – assim como no livro de Fernando Gabeira. Porém, diferentemente da adaptação do livro de Gabeira, o diretor do filme *Batismo de Sangue* (2007) realizou uma produção *ipsis litteris* ao livro, melhor dito, adaptou o livro totalmente às situações vividas no filme com todas as dores, enquanto testemunho e vítima e, principalmente, não maculando a figura do herói principal que é assassinado: o líder Guerrilheiro Carlos Marighela, que aparece no filme e é edificado como herói quando foi assassinado. Já, os torturados, diferentemente do filme de Bruno Barreto, são apresentados como monstros sádicos: conforme esperado no tipo de produção e transposição filmica da Literatura do Testemunho no Brasil.

Podemos dizer, portanto, que era este o tipo de filme aguardado pela plateia, assim como por parte da esquerda ávida de se ver, realmente retratada haja vista que, como não houve a revisão desses crimes de Estado pela anistia e ficando os torturadores impunes, portanto, as telas construíam, mediante leitura do diretor, um ajuste de contas possível com a história. Em síntese, retomando algumas questões pontualmente evidenciadas e enfocadas ao longo do texto, a Literatura do Testemunho, a produção acadêmica e os filmes que retrataram o período formataram um produto eficaz de denúncia nesse momento recente da história do Brasil, de modo que essas gramáticas conjugadas formaram vozes com reflexos potentes de leitura, de visualização e de audição. No caso do cinema, há ainda inúmeros filmes que podemos enunciar, mas sumarizando o material filmico podemos evidenciar que em sua maioria eles responderam a uma transposição linear e uníssona com as obras da Literatura do Testemunho, com apenas poucas exceções, ou seja, respeitando as histórias, os autores, os personagens e, especialmente, os heróis edificados pela esquerda.

Finalizando, convém ainda realçar para efeitos de análise das obras cinematográficas do gênero ditadura militar e que foram abordadas pelo viés da Literatura do Testemunho, que essas produções possuem os seguintes atributos esperados pelo espectador: o militar, o militante e a tortura (STIGGER, 2011). Melhor explicando, o espectador, assim como a crítica especializada, vislumbra que a obra tenha que ter, necessariamente, essa estrutura e personagens enfocados e, igualmente, almeja que

haja um enquadramento histórico em que a história se desenrolará, fundamentalmente, dentro de situação uma de limite extrema: de medo, de violência e de opressão. Destacamos, ainda, que entre os elementos que adquirem maior destaque nesse tipo de filme é justamente a tortura, justamente a fim de endossar o testemunho da vítima que sofreu situações adversas atroz por parte de um regime militar extremamente implacável e que visava a aniquilação física dos seus oponentes. A partir deste enfoque e crivo avaliativo, o filme passa a ter o endosso e o aval por parte das vítimas por retratar as adversidades dos militantes, visto que, assim, reproduziu o que fora relatado fielmente pela Literatura do Testemunho através da escrita.

4. Considerações finais

Mediante o delineamento proposto, este artigo teve como objetivo principal examinar a produção bibliográfica da Literatura do Testemunho, bem como as vozes da resistência à ditadura civil-militar no Brasil transpostas na produção audiovisual. Compreendemos que esta produção fora extremamente farta, de uma tímida produção ainda sob auspícios da ditadura civil-militar, que prendiam e causavam coações quando ocorriam os lançamentos dessas obras, para no imediato a Anistia em 1979, transformarem-se em sucessos de vendas. Realçamos que, mesmo com todo o sucesso, ainda havia graves sanções e ameaças aos escritores, haja vista que houve uma Anistia parcial e autoindulgente para a corporação militar, uma vez que os brindou com um retorno tranquilo aos quartéis.

Justamente em face da opressão, censura e desinformação com o período militar, estas obras explodiram em vendagem no início imediato dos anos 80, transformando-se em sucessos e ganhando prêmios literários, conseqüentemente, transformando os autores em porta-vozes e portadores da memória coletiva de uma geração que pegara em armas. Também, realçamos que o fato de trazer ao público as suas reminiscências, por meio de relatos e de denúncia, esta literatura ativou, sobremaneira, os constrangimentos à ditadura militar nos seus crepúsculos finais. Assim, a Literatura do Testemunho uniu-se com outras vozes que possuíam um discurso unívoco de denúncia, visando um processo de distensão política e transição para a democracia efetiva no Brasil muito embora realçamos ao longo do texto que esse processo de distensão e abertura política para a completa democracia foi um processo longuíssimo e com um saldo extremamente deletério para a cultura brasileira.

Ainda, dialogando com outras matrizes discursivas e midiáticas, percebemos que o cinema foi ao encontro desse conteúdo enunciativo da Literatura do Testemunho, uma vez que utilizou com maestria muito das obras bibliográficas editadas ao longo dos anos 80 e 90. Nesta perspectiva, começou a ocorrer a transposição filmica desses livros, alguns com sucessos e outros com severas críticas pelo público espectador. Tais críticas são advindas, principalmente, quando há nos filmes um abrandamento da ditadura e uma humanização do torturador. Em síntese, essas críticas são advindas quando não há uma transposição linear no filme e quando o diretor realiza uma revisão histórica do período a partir de seu próprio olhar, maculando, por conseguinte, a imagem dos autores e, especialmente, das vítimas que facultaram o seu testemunho. Nesse sentido, retomamos que o sentido de Literatura do Testemunho pressupõe uma catarse individual ou coletiva e ativadas, sobremaneira, pela memória com o intuito de responder as dores da vítima. Justamente por isso, torna-se inverossímil um diretor dar um sentido alternativo das dores das vítimas nas telas, principalmente, quando estes personagens autores ainda estão vivos e sendo agentes políticos ativos no Brasil recente.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém*: um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo-SP: Companhia das Letras, 1999.

BETTO, Frei. *Batismo de sangue*: os dominicanos e a morte de Carlos Marighella. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*: (campanha de Canudos). 4. ed. rev. e aum. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2009.

GABEIRA, Fernando. *O que é isso, companheiro?* São Paulo: Companhia de Bolso, 1980.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HUNTINGTON, Samuel. *A terceira onda*: a democratização no final do século XX. São Paulo: Ática, 1994.

KINZO, Maria D'Alva Gil. A democratização brasileira: um balanço do processo político desde a transição. In: *Revista São Paulo em Perspectiva*. 14 (4). 2001.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

MARENCO DOS SANTOS, André. Devagar se vai longe? A transição para a democracia no Brasil em perspectiva comparada. In: *A democracia Brasileira: Balanço e perspectivas para o século 21*. Org. Melo Carlos e Sáez, Manuel. Belo Horizonte: UFMG, 2007

MAINWARING, Scott. *Sistemas partidários em novas democracias: o caso do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto/Rio de Janeiro: FGV, 2001.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. In: *Estudos Históricos*. V. 2. n. 3. Rio de Janeiro. Vértice, 1989.

PORTELA, Fernando. *Guerra de guerrilhas no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Global, 1980.

RAMOS, Graciliano. *Memórias do cárcere*. Rio de Janeiro: Cameron Editora, 2012.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). 2003. *História, Memória, Literatura*. O testemunho na era das catástrofes, Campinas: UNICAMP, 2003

SHARE, Donald; MAINWARING, Scott. Transição pela transação: a democratização no Brasil e na Espanha. In: *Revista Dados*. Rio de Janeiro. V. 29. N 2. 1986.

STIGGER, Helena. *A representação da ditadura militar nos filmes brasileiros em longa-metragem de ficção de 1964 a 2010*. Tese Doutorado em Comunicação Social. PUCRS: Porto Alegre, 2011

TAPAJÓS, Renato. *Em câmara lenta: romance*. São Paulo: Alfa-Omega, 1977.

Filmes Analisados:

O que é isso Companheiro? (1997) Direção: Bruno Barreto.

Batismo de Sangue (2007). Direção Helvécio Ratton.